

Pluralidade de estudos de crescimento com ostras *Crassostrea* spp.

Lucas Garcia Martins^{1,2}, Rafaela Horst Nobre da Costa^{1,2}, Marko Herrmann^{2,4,5,7} & Rafael A. das Chagas^{3,4,5,7} ✉

¹ Graduando(a) em Engenharia de Pesca, UFRA; ² PET Pesca – Programa de Educação Tutorial em Engenharia de Pesca; ³ Engenheiro(a) de Pesca, UFRA; ⁴ Pós-graduação em Aquicultura e Recursos Aquáticos Tropicais (PPGAqRAT/UFRA); ⁵ Grupo de pesquisa Ecologia Bentônica Tropical (www.benthos.eu); ⁶ Professor do Instituto Socioambiental e dos Recursos Hídricos (ISARH/UFRA); ⁷ Professor do Instituto Tecnológico e Ambiental da Amazônia (ITAM).

Contatos: ✉ <http://bit.ly/chagasra>; ✉ rafaelanaisce@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O sucesso na ostreicultura depende fortemente das condições ambientais da área de cultivo, ou seja, as características físicas, químicas e biológicas do ambiente^{1,2}. Tais fatores influenciam diretamente no crescimento da ostra cultivada, e por conta disso, diversos estudos foram realizados³.

Ostras do gênero *Crassostrea* spp. distribuem-se por todo o globo, o que as torna objeto em estudos bioecológicos (e.g. ciclo reprodutivo, nutrição e crescimento)⁴.

Objetivo: Identificar as espécies de ostras *Crassostrea* spp. utilizadas em estudos de crescimento a nível mundial e no Brasil.

MATERIAL E MÉTODOS

- Utilizou-se dados de crescimento de ostras disponíveis na plataforma PANGAEA – *Data Publisher for Earth & Environmental Science* (www.pangaea.de/)^{5,6}.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- A nível mundial, os estudos de crescimento com ostras *Crassostrea* spp. delimitam-se a nove espécies, destacando-se na maioria dos estudos as ostras *C. virginica* (46%) e *C. gigas* (10%) (Fig. 1);
- No Brasil, os estudos delimitam-se a quatro espécies, destacando-se as ostras *C. rhizophorae* (39%) e *C. tulipa* (34%) (Fig. 2);
- Os estudos de crescimento de ostras no litoral brasileiro concentram-se no Sul e Sudeste⁵;
- O conhecimento da dinâmica do crescimento das ostras favorecem a ostreicultura e a redução da exploração desordenada em bancos naturais⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Historicamente, o conhecimento da dinâmica do crescimento de ostras *Crassostrea* spp. favoreceram o desenvolvimento da ostreicultura;
- Além disso, sua importância socioeconômica, destaca-se por ser o tipo de cultivo menos impactantes ao meio ambiente.

RECOMENDAÇÕES

- Revisão acerca dos métodos utilizados nos estudos de crescimento;
- Correlacionar a quantidade de estudos com a produtividade das ostras.



Crassostrea tulipa. Foto: Marko Herrmann

Figura 1: Percentual dos estudos de crescimento realizados mundialmente com ostras do gênero *Crassostrea* spp. as cores indicam as espécies, destacando-se na maioria dos estudos as ostras *C. virginica* (46%) e *C. gigas* (10%).

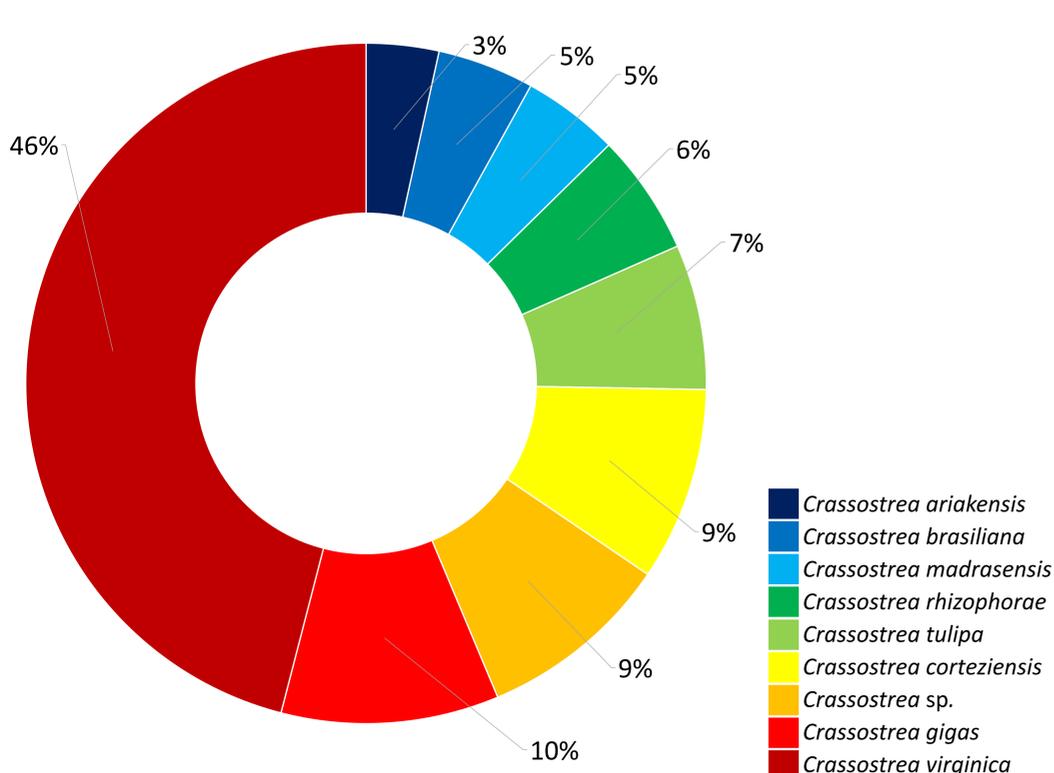
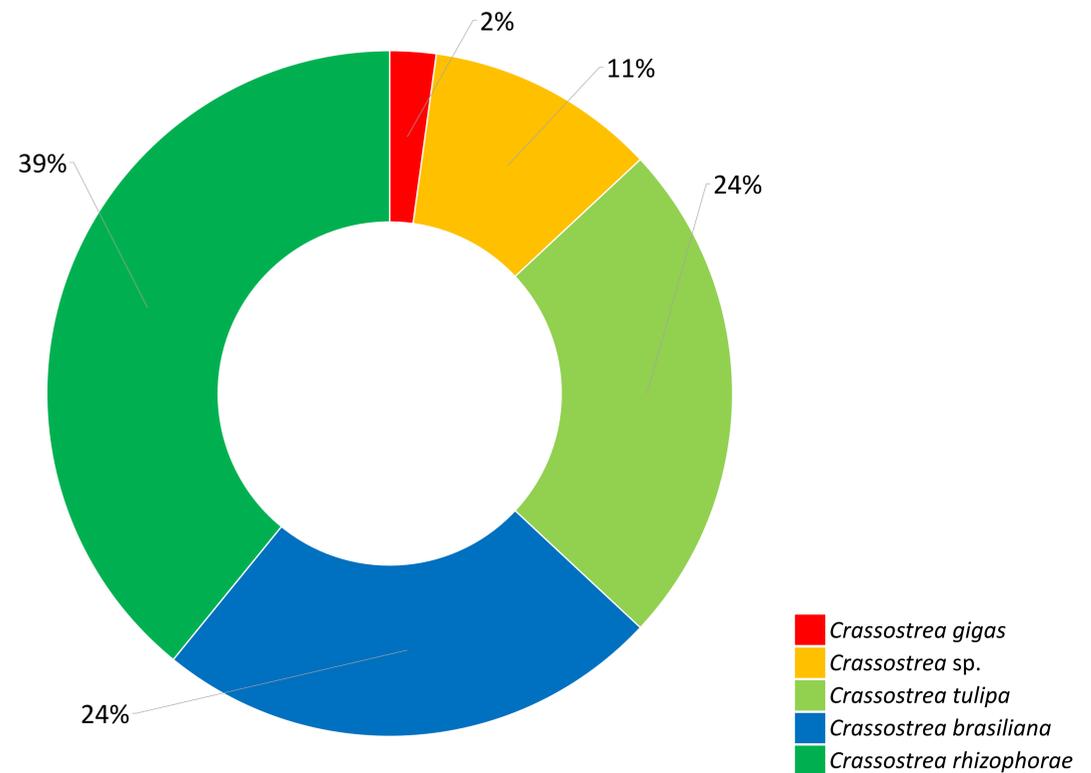


Figura 2: Percentual dos estudos de crescimento realizados com ostras do gênero *Crassostrea* spp. no litoral brasileiro. As cores indicam as espécies, destacando-se na maioria dos estudos as ostras *C. rhizophorae* (39%) e *C. tulipa* (34%).



REFERÊNCIAS

1. AKABOSHI, S. Notas sobre o comportamento da ostra japonesa, *Crassostrea gigas* (Thunberg, 1795), no litoral do estado de São Paulo, Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca*. v. 6, n. único, p. 93-104, 1979.
2. OSTRENSKY, A., et al. *Ostreicultura: Manual de boas práticas: Qualidade e segurança para bons negócios*. Brasília: Sebrae, 2015.
3. CHAGAS, R.A.; HERRMANN, M. Estimativas de crescimento de bivalves tropicais e subtropicais: recomendação para um método padronizado. *Acta of Fisheries and Aquatic Resources*. v. 4, n. 2, p. 28-38, 2016.
4. GOSLING, E. *Marine Bivalve Molluscs*. John Wiley & Sons, Ltd, 537p., 2015.
5. CHAGAS, R.A.; HERRMANN, M. *Relative growth of Crassostrea spp. oysters on the Brazilian coast: A review*. 2018. PANGAEA. <https://doi.pangaea.de/10.1594/PANGAEA.890027>
6. CHAGAS, R.A.; HERRMANN, M. *Review on oyster growth Crassostrea spp.: data from von Bertalanffy (K and L=) growth parameters, phi-prime growth index (Ø') and growth performance index (GPI)*. 2018. PANGAEA. <https://doi.pangaea.de/10.1594/PANGAEA.889957>